

XAVIER, E. T.; SOUZA, T. D.; ALVES, C. D. O. O papel do pastor nos escritos de Ellen G. White: pairar sobre o rebanho ou fazer evangelismo público?. **Práxis Teológica (Ahead Of Print)**, volume 22, número 1, e-2357, 2026.

O PAPEL DO PASTOR NOS ESCRITOS DE ELLEN G. WHITE: PAIRAR SOBRE O REBANHO OU FAZER EVANGELISMO PÚBLICO?

Érico Tadeu Xavier

Doutor em Teologia, professor e coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Malta, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3897-4452>

E-mail: etxacademico@gmail.com

Tiago Dias de Souza

Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo. Docente no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia da Faculdade Adventista da Amazônia, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-9420-6668>

E-mail: pr.tiagodias@hotmail.com

Carlos Davi de Oliveira Alves

Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (FUV). Professor de Ensino Religioso da Faculdade Adventista da Amazônia (FAAMA), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-2759-6404>

E-mail: oliveiraalvescarlosdavi@faama.edu.br

RESUMO

O ministério pastoral é apresentado neste artigo tomando como base as declarações de Ellen G. White acerca do papel do pastor. Seus escritos referem-se a dois tipos de ministério: o modelo itinerante e o modelo pastoral. O objetivo desta pesquisa é analisar as declarações de Ellen G. White a fim de buscar compreender o que ela escreveu sobre a obra do pastor e apresentar uma visão equilibrada do ministério. Ao se examinarem as ideias dela, percebe-se que há uma divisão na liderança da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) quanto à compreensão do modelo a ser seguido. O evangelismo público ou itinerante, defendido por alguns, prioriza o evangelismo público ou de casa em casa. Já o modelo pastoral preconiza que o pastor deve cuidar do rebanho na igreja, apoiando o evangelismo público, mas focando principalmente a vida espiritual dos membros e o trabalho da Igreja. Nas declarações de Ellen G. White, é possível identificar os dois modelos, direcionados a contextos diferenciados. Não há prioridade de um em detrimento de outro, mas sua aplicação conforme o contexto em que está situada a igreja. O equilíbrio no ministério pastoral deve ser buscado a fim de se compreender a necessidade de evangelização em campos ainda não alcançados e o acompanhamento da igreja e da comunidade naqueles já estabelecidos.

Palavras-chave: Ministério. Modelos. Ellen G. White. Evangelismo público.

ABSTRACT

Pastoral ministry is presented in this article based on Ellen G. White statements about the role of the pastor. His writings refer to two types of pastoral ministry: the itinerant model and the pastoral model. The purpose of this research is to analyze the statements of Ellen G. White in order to seek an understanding of what she wrote about the work of the pastor and to present a balanced view of the ministry. When analyzing their writings, it is clear that there is a division in the leadership of the SDA regarding the understanding of the model to be followed. Public or itinerant evangelism, advocated by some, prioritizes public or house-to-house evangelism. The pastoral model, on the other hand, defends the view that the pastor must take care of the flock in the church, supporting public evangelism, but focusing mainly on the spiritual life of the members and the work of the Church. In the statements of Ellen G. White it is possible to identify the two models, directed to different contexts. There is no priority over one over the other, but its application according to the context in which the church is situated. A balance in pastoral ministry must be sought to understand the need for evangelization in unreached fields and the accompaniment of the church and community in already established fields.

Keywords: Ministry. Models. Ellen G. White. Public evangelism.

INTRODUÇÃO

Encontramos nos escritos de Ellen G. White duas linhas de pensamento a respeito do ministério pastoral. Uma delas apresenta o pastor como evangelista itinerante (modelo itinerante), e a outra, como aquele que cuida, alimenta e atende o rebanho na igreja local (modelo pastoral).

Tendo em vista a existência de uma dicotomia de pensamento entre líderes na Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) quanto ao assunto; e levando em consideração o fato de que em muitas ocasiões os textos de Ellen G. White são empregados por ambos os lados para defenderem sua visão de ministério como sendo a perfeita; este artigo analisará as declarações de Ellen G. White com o objetivo de buscar uma compreensão do que ela tinha em mente ao escrever sobre a obra do pastor e apresentar uma visão equilibrada do ministério.

MODELO ITINERANTE

Quando estudamos a história da IASD, percebemos que vários líderes e administradores entenderam, baseados nos escritos de Ellen White, que o evangelismo público ou itinerante é o

modelo de liderança pastoral. Entre eles, estavam James L. McElhany (1880–1959),¹ Irwin H. Evans (1862–1945),² Carlyle B. Haynes (1882–1958),³ Roy A. Anderson (1895–1985)⁴ e Arthur G. Daniells (1858–1935),⁵ o presidente que serviu por mais tempo na presidência da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.

Esses líderes se baseavam em algumas citações de Ellen G. White que parecem apoiar tal modelo. Vejamos:

Depois de fazer uma viagem missionária, Paulo e Barnabé realizaram o roteiro, visitando as igrejas que haviam edificado, e escolhendo homens para se unirem a eles no trabalho. Assim também os servos de Deus devem trabalhar hoje, selecionando e treinando jovens valorosos como obreiros. (WHITE, 1902, p. 8)

Em outra ocasião, encontramos a seguinte citação: “Quando uma campainha se ergue para levar luz à comunidade, abrir-se-ão caminhos, convidando os trabalhadores para as ‘regiões’ além. Os obreiros de Deus estão sempre seguindo avante, sempre dependendo da direção do Espírito Santo” (WHITE, 1902, p. 8).

Se nossos ministros ao invés de pairarem sobre as igrejas para manter nelas o sopro da vida, fossem adiante com o trabalho para com aqueles que estão fora do rebanho, os que estão na Igreja receberiam uma corrente vital do céu ao ouvirem que almas foram levadas ao Cordeiro de Deus. Eles deviam orar para que Deus desse aos obreiros, e suas orações seriam como uma foice afiada nos campos da colheita (WHITE, 1901, p. 86).

Em outro momento, na *Review and Herald*, ela escreveu:

Os ministros que estão pairando sobre suas Igrejas, pregando àqueles que já conhecem a verdade, fariam melhor em ir a lugares que ainda estão nas trevas. A menos que façam isso, eles próprios e suas congregações vão se tornar anões espirituais (WHITE, 1905, p. 9).

Ainda na *Review and Herald*, alguns anos antes, White (1899, p. 2) havia escrito:

As igrejas devem ser vigiadas e cuidadas, mas elas não exigem labor contínuo [...]. Não eduqueis nossas igrejas a esperarem constantemente auxílio pastoral [...]. Armados com

¹ McElhany (1931) constantemente convocava membros e ministros a priorizar o evangelismo público acima das demandas institucionais.

² Evans (1938) produziu um livro que foi usado por décadas para treinar pastores adventistas, focando na pregação pública como cerne do ministério.

³ Segundo Haynes (1937, p. 7), “Qualquer coisa que exaure as energias e o tempo dos ministros em cuidar dos santos, excluindo a salvação dos pecadores, não é cumprir a comissão evangélica”.

⁴ Em sua obra seminal sobre a natureza do trabalho ministerial, Anderson (1950) une os dois conceitos, mas mantém a ênfase de que o pastor adventista é fundamentalmente um ganhador de almas

⁵ Daniells escreveu uma série de artigos na qual defende que que os ministros não devem “pairar” sobre as igrejas, mas deixá-las sob o cuidado dos anciãos para focar na evangelização de novos territórios (DANIELLS, 1912, p. 34).

a espada do Espírito devemos ir à batalha, erguendo a palavra da vida e buscando salvar os perdidos.

Referindo-se à membresia, ela pontuou: “Elas mesmas devem levar o fardo, e trabalhar com a maior sinceridade pelas almas. Os crentes devem ter raízes em si mesmos e raízes fortes em Cristo, para que possam dar muitos frutos para Sua glória” (WHITE, 1902, p. 7).

Em um outro momento, Ellen G. White (1853, p. 53) já havia dito: “Cada pessoa deve buscar obter uma nova vitória a cada dia. Devemos aprender a permanecer em pé sozinhos, e a depender totalmente de Deus. Quanto mais cedo aprendermos isso, tanto melhor”.

De acordo com esse modelo, o trabalho evangelístico público ou de casa em casa deve ser o foco do trabalho do pastor, com o evangelismo público tendo precedência.⁶

MODELO PASTORAL

Já o modelo pastoral, ou seja, a visão de que o pastor deve cuidar do rebanho foi defendida por líderes como Harold Marshall Sylvester Richards (1894–1985), John Daniel Rhodes (1888–1972), Orley M. Berg (1918–2012) e outros.⁷ Eles também encontraram apoio nos escritos de Ellen G. White.

De acordo com White (2007b, p. 260), “todos têm um trabalho a fazer que requer diligência. Isso é verdade principalmente em relação ao trabalho do pastor, que deve cuidar do rebanho de Deus e alimentá-lo”.

Sua obra não é meramente estar no púlpito. Ela apenas começa aí. Ele precisa associar-se às diversas famílias e levar-lhes Cristo, apresentando-lhes seus sermões e cumprindo-os em palavras e ações. Ao visitar uma família, deve ele perguntar sobre suas condições. É ele o pastor do rebanho? A obra de um pastor não é realizada totalmente no púlpito. Ele deve conversar com todos os membros de seu rebanho; com os pais e com os filhos para conhecer seu modo de pensar. Um pastor precisa alimentar o rebanho que Deus lhe encarregou de cuidar (WHITE, 2005a, p. 618).

⁶ Esse modelo também recebe o apoio de vozes influentes no adventismo, que apresentam apenas a perspectiva na qual Ellen G. White parece favorecer o trabalho do pastor quase exclusivamente como o evangelismo (CORKUM, 1986, p. 226-227). Um dos mais enfáticos é Damsteegt (2005, p. 685), que argumenta: “Após a morte de Ellen White, o modelo foi abandonado, e o ‘ministro residente’ assumiu a função de liderança da igreja local que pertencia ao ancião, que então se tornou assistente do ministro. Com a introdução de um Manual da Igreja em 1932, esse novo modelo de liderança tornou-se institucionalizado. Manuais subsequentes mostraram um aumento da influência do ministro sobre a congregação”.

⁷ Para uma síntese da perspectiva e abordagem desses administradores, ver o resumo de Burrill (1998, p. 165-173), especialmente os capítulos que tratam da “profissionalização do ministério” em meados do século XX, onde ele discute como a igreja passou a adotar o modelo de pastor residente/cuidador.

Para Ellen G. White (2004, p. 528), o ministro deve ser um pregador, mas também deve atuar como pastor. Posteriormente, ela desenvolve um conceito de ministério e o mal que a negligência desse trabalho acarreta:

Tem havido negligência da parte dos pastores. Eles não têm insistido em implantar no coração de seus ouvintes a necessidade de fidelidade. Não têm instruído a igreja em todos os pontos da verdade e do dever, nem trabalhado com zelo para levá-los a agir ordenadamente e torná-los interessados em cada ramo da causa de Deus. Foi-me mostrado que se a igreja houvesse sido adequadamente preparada, estaria muito mais adiantada do que agora. O descaso da parte dos pastores tornou o povo descuidado e infiel. Esse não sentiu ainda sua responsabilidade individual, mas se desculpa por conta da falha dos pastores em fazer a obra de pastor (WHITE, 2004, p. 302).

A. G. Daniells entendia que os pastores deveriam visitar suas igrejas apenas de vez em quando, gastando a maior parte do tempo em evangelismo público. Entretanto, notamos quão diferentes eram as palavras de Ellen G. White à igreja em Vermont:

Não é meramente de pregadores que passem ocasionalmente pelas igrejas orando e exortando que Vermont necessita. O clamor por obreiros poderia ser erguido pelo povo de Deus em Vermont. São necessários obreiros zelosos e diligentes para fortalecer as coisas que permanecem, ministrando as necessidades espirituais do povo (WHITE, 2005b, p. 649).

Ela escreveu que havia necessidade de “obreiros zelosos” para servir a igreja, e que aqueles que não estavam fazendo esse tipo de trabalho não deviam ser apoiados: “Mas aqueles que simplesmente visitam as igrejas uma vez ou outra [...] não devem se manter do tesouro do Senhor” (WHITE, 2005b, p. 649).

Ellen G. White advertiu especialmente os pastores a passarem a maior parte do tempo no trabalho pastoral real:

Se os pastores dessem mais atenção a pôr e manter seu rebanho ativamente ocupado na obra, haveriam de realizar mais benefícios, ter mais tempo para estudar e fazer visitas missionárias, e evitar muitas causas de atrito. [...]. Assim o pastor pode educar homens e mulheres para se desempenharem de responsabilidades na boa obra que tanto está sofrendo por falta de obreiros. [...]. A igreja que trabalha é igreja que progride. (WHITE, 2007c, p. 198)

Para White (2007, p. 190), “o verdadeiro pastor terá interesse em tudo o que diz respeito ao bem-estar do rebanho, alimentando-o, guiando-o e defendendo-o”. Ela declarou que as igrejas deviam ter “guias e pastores fiéis” (WHITE, 2007d, p. 550).

Logo que seja organizada uma igreja, ponha o pastor os membros a trabalharem. Terão eles que ser ensinados a trabalhar com êxito. Dedique o pastor mais tempo para educar do que para pregar. Ensine o povo a maneira de transmitir a outros o conhecimento que receberam. (WHITE, 2005b, p. 20)

Na visão dessa serva, por meio do pastoreio o ministro deveria capacitar a igreja para o trabalho missionário.

Enquanto os membros da igreja não fizerem esforços para dar aos outros o auxílio de que necessitam, o resultado será sempre uma grande debilidade espiritual. O maior auxílio que se pode prestar a nosso povo é ensiná-lo a trabalhar para Deus e a nEle confiar, e não nos pastores. (WHITE, 2005b, p. 19).

CONTRADIÇÃO?

Além de apoiar o modelo de evangelismo público para o ministério pastoral, essas declarações fundamentam um ponto de vista que focaliza principalmente a vida espiritual dos membros e o trabalho da Igreja.

Ellen G. White não ensinou que as igrejas devem ter o mínimo de cuidado pastoral. Como, então, entender aquelas declarações segundo as quais ela parece apoiar o modelo de ministério do “evangelista itinerante”? É importante compreender que, às vezes, ela falava a ministros que estavam trabalhando em um novo território, onde não havia igrejas, ao passo que em outras ocasiões se dirigia àqueles que trabalhavam em locais com igrejas já organizadas.

De fato, ela fazia uma clara distinção entre o trabalho do pastor em um novo campo e alguém designado para igrejas estabelecidas. Quando não há igrejas organizadas, o ministro deve servir primeiramente como ganhador de almas e evangelista. Entretanto, em igrejas estabelecidas, seu primeiro trabalho é tanto cuidar do rebanho como alcançar os de fora. Ellen White (2004, p. 70) colocava essa questão de modo claro: “Ao trabalhar em lugares onde já se encontram alguns conversos, o ministro não deve tanto buscar, a princípio, converter os incrédulos, como exercitar os membros da Igreja para prestarem uma cooperação proveitosa”.

Mais tarde, ela desenvolveu seu conceito de evangelismo pastoral com uma ilustração que é familiar para a maioria:

O ministro não deve sentir ser seu dever fazer todas as pregações e todos os trabalhos e todas as orações; cabe-lhes preparar auxiliares, em todas as igrejas [...]. Em alguns respeitos, o pastor ocupa uma posição idêntica à do mestre de um grupo de operários, ou de um capitão de navio. Deles se espera que vejam que os homens sobre quem se acham colocados façam a obra que lhes é designada, pronta e corretamente, e só em caso de emergência precisam executar os detalhes. (WHITE, 2004, p. 69-70)

Ellen G. White prosseguiu relatando a história do proprietário de um grande moinho que, certa vez, encontrou o superintendente fazendo alguns consertos simples em uma roda enquanto

meia dúzia de trabalhadores daquele setor observava ocasionalmente. Quando o proprietário soube o que se passava, chamou o mestre ao escritório e demitiu-o prontamente. E então ela acrescentou:

Esse incidente pode ser aplicado em alguns casos, e em outros, não. Mas muitos pastores falham em conseguir, ou em não tentar, que todos os membros da Igreja se empenhem ativamente nos vários ramos da obra. Se os pastores dessem mais atenção em manter seu rebanho ativamente ocupado na obra, haveriam de realizar mais benefícios, ter mais tempo para estudar e fazer visitas missionárias, e também evitar muitas causas de atrito. (WHITE, 2004, p. 70)

Em outro lugar, ela abordou o mesmo ponto, usando uma analogia diferente:

A força de um exército mede-se especialmente pela eficiência dos homens que lhe compõem as fileiras. Um general capaz instrui seus oficiais a exercitarem todos os soldados para o serviço ativo. Procura desenvolver o mais alto grau de eficiência da parte de todos. [...]. E assim se dá no exército do Príncipe Emanuel. [...] Aqueles a cujo cargo se encontram os interesses espirituais da igreja devem formular planos e meios pelos quais se dê a todos os seus membros alguma oportunidade de fazer uma parte na obra de Deus. Nem sempre foi isto feito em tempos passados. Não foram bem definidos nem executados os planos para empregar os talentos de cada um em serviço ativo. Poucos há que avaliem devidamente quanto se tem perdido por causa disto. (WHITE, 2007e, p. 351)

É interessante que Ellen G. White jamais indicou que os leigos por si mesmos terminariam a obra. Seu conselho sempre se deu no contexto do pastor desenvolvendo e utilizando a variedade de dons dos membros da Igreja para atividades de orientação e evangelismo. Certa vez, ressaltou: “A obra de Deus na terra jamais poderá ser finalizada enquanto homens e mulheres que compõem nossa Igreja não cerrarem fileiras, e juntarem seus esforços aos dos ministros e oficiais da Igreja” (WHITE, 2007e, p. 352).

A inspiração torna claro que a responsabilidade do pastor é servir como mestre de um grupo de operários, um pastor do rebanho, um general sábio de um exército, o capitão de um navio, um supervisor espiritual e um educador. Todas essas ilustrações nos ajudam a ver que Ellen White tinha um conceito equilibrado do ministério pastoral e do evangelismo. De fato, ela tocava em um conceito reconhecido tanto em estudos religiosos quanto em sociológicos como sendo o meio principal pelo qual as pessoas encontram companheirismo e emprego eficiente: o pequeno grupo. Com sabedoria escreveu:

A formação de pequenos grupos com uma base de esforço cristão é um plano que tem sido apresentado diante de mim por Aquele que não pode errar. Se houver grande número na igreja, os membros devem ser organizados em pequenos grupos, a fim de trabalharem, não apenas pelos outros membros, mas pelos descrentes. (WHITE, 2007b, p. 115)

Nesse contexto Ellen White enfatizava com frequência a importância de ganhar almas e do trabalho evangelístico. Organizar a igreja em pequenos grupos pode ser evangelismo do mesmo modo que o evangelismo público.

Devido ao fato de entendermos que ela sempre queria dizer evangelismo público, temos falhado em desenvolver uma teologia equilibrada da Igreja ou do evangelismo pastoral. Desse modo, temos depreciado o trabalho do ministério pastoral. Falhamos em ver o grande potencial do verdadeiro evangelismo pastoral no qual o pastor desenvolve os recursos totais da Igreja, tanto para alimentá-la como para o evangelismo.

Compreensão Distorcida Do Ministério

Vários foram os fatores que contribuíram para esse “problema”, ou seja, para líderes da igreja defenderem o modelo itinerante e/ou o modelo pastoral. Podemos apresentar alguns, conforme descrito a seguir.

Resistência à organização

A visão de que o pastor era principalmente um evangelista público desenvolveu-se naturalmente desde o início da nossa história como igreja. Pensamos em nossa obra como um movimento, em contraste com as igrejas organizadas “caídas”. Não críamos em organização. Nosso alvo não era construir igrejas, mas levar as três mensagens angélicas rapidamente ao mundo. Como no Novo Testamento, fomos lentos em reconhecer o papel da igreja local e a importância do lugar da liderança pastoral (KNIGHT, 2001, p. 25-30).⁸

A necessidade também desempenhou sua parte. Na reorganização da igreja em 1901, Uniões foram estabelecidas no mundo todo, junto com aproximadamente 100 Associações. Havia grande demanda de homens para assumir as responsabilidades departamentais e administrativas dessas Uniões e Associações locais. E de onde vieram eles? Vieram do grupo de nossos pastores. Em 1900, os adventistas do sétimo dia tinham 1.200 obreiros ministeriais no campo mundial.

⁸ George Knight documenta a resistência inicial à "Babilônia" organizacional, demonstrando como a autocompreensão do Adventismo como "movimento escatológico" inibiu o desenvolvimento de uma eclesiologia local robusta e de um pastorado residente. Burrill complementa essa análise argumentando que o modelo original do adventismo assemelhava-se ao "sacerdócio de todos os crentes", onde os anciões locais cuidavam da congregação e o pastor ordenado funcionava invariavelmente como um evangelista itinerante ou plantador de igrejas (cf. BURRILL, 1998, p. 35-42).

Como resultado da reestruturação organizacional de 1901, A. G. Daniells levou 500 dessas pessoas para a administração (BURRILL, 1993, p. 55-58). Em 1912, o Pr. Daniells divulgou seu bem conhecido ponto de vista de que os pastores deveriam ser evangelistas, e não pastores, e que as igrejas deveriam cuidar-se sem a liderança pastoral (DANIELLS, 1912, p. 3-4).

Na época, nos Estados Unidos, eram 66 mil membros e cerca de 2 mil igrejas e grupos. Simplesmente não havia pastores para aquelas igrejas (ROGERS, 1913, p. 4-6). Tínhamos que encontrar um meio para resolver o problema da liderança pastoral, e o modo mais fácil foi sugerir um modelo de ministério pastoral que não incluía o cuidado pastoral regular para as igrejas.

Conceitos errados da Igreja

Outra razão para aceitar a visão do pastor como um evangelista tem sido a falha em não reconhecer o ponto de vista de Ellen G. White sobre o assunto. Daniells defendia que toda a responsabilidade de ganhar almas era dos obreiros ministeriais, e as igrejas provinham apenas os recursos para isso. Entretanto, a visão de White era bem diferente. Ela via a Igreja como um meio principal de demonstração da graça e do poder de Deus para o mundo. A Igreja deve incorporar o reino do céu de modo que a comunidade genuína de crentes se ame mutuamente e trabalhe junto de tal modo que os princípios do reino de Deus tornem-se evidentes àqueles que não fazem parte da Igreja.

A fim de realizar isso, os membros da Igreja devem ser maduros, seus dons devem ser desenvolvidos, além do fato de que é preciso ser dado a cada membro um lugar de responsabilidade tanto para evangelismo quanto para a educação.

A visão de Ellen White (2008, p. 188) é bem clara:

O êxito de nossa obra depende de nosso amor a Deus e nosso amor aos nossos semelhantes. Quando houver ação harmoniosa entre os membros individuais da Igreja, quando houver manifesto amor e confiança de um irmão para com outro, haverá proporcional força e poder em nossa obra, para a salvação de homens. Oh, como necessitamos grandemente de uma renovação moral! Sem a fé que opera por amor, nada podeis fazer.

Naturalmente, isso pede um ousado programa evangelístico tanto por parte dos membros como do pastor. No entanto, a primeira obra do pastor é estabelecer a Igreja. Uma Igreja fraca fará muito pouco por meio do evangelismo.

Relacionamento entre pastores e membros

Também temos falhado em compreender o conceito de Ellen G. White entre o pastor e os membros leigos. Segundo ela, apenas quando os leigos se unissem aos seus pastores no trabalho de ganhar almas era que o trabalho de Deus seria realizado.

O ponto de vista defendido pelos líderes da igreja depois de 1900 parece fazer uma profunda distinção entre o trabalho do pastor e o da congregação. O pastor tinha pouca responsabilidade pela igreja local, e a igreja local tinha pouca responsabilidade para com o evangelismo.

Entretanto, Ellen G. White considerava o assunto de modo completamente diferente. Ela via a igreja como um grupo de obreiros, o que explica por que disse que o pastor era semelhante ao capitão da tripulação de um navio e o mestre que dirigia um grupo de operários. Seu trabalho era treinar os leigos a desenvolver planos e pô-los para trabalhar.

A diferença dos dois modelos

Outro problema com aqueles que creem que o pastor é principalmente um evangelista público é sua falha em reconhecer a clara diferença estabelecida por Ellen G. White entre o papel do evangelista e o do pastor. Muito do que disse em relação ao evangelismo público tem a ver com o evangelista, e não particularmente com o pastor. Ela defendia claramente que, quando uma igreja era instalada, deveria receber cuidado pastoral: “Depois de haver-se erguido uma nova igreja, ela não deve ser deixada sem auxílio” (WHITE, 2007d, p. 337). A mensageira de Deus escreveu isso no contexto de uma igreja estabelecida por meio de um evangelismo público, mas sua ênfase recaiu no cuidado das igrejas e na importância da liderança pastoral.

Posteriormente, ela traçou uma linha distinta entre evangelistas e pastores: “Deus chama evangelistas. Um verdadeiro evangelista ama as almas. Ele caça e pesca homens. Há necessidade de pastores – fiéis pastores – que não adulem o povo de Deus nem o trate com rispidez, mas o alimentem com o pão da vida” (WHITE, 2007d, p. 116).

A distinção feita por ela entre os dois fica mais bem compreendida quando diz que o pastor não deve fazer o trabalho de um evangelista: “Geralmente, um homem faz o trabalho que devia ser feito por dois, pois a tarefa do evangelista se combina necessariamente com a do pastor, acarretando uma dupla responsabilidade ao obreiro do campo” (WHITE, 2007c, p. 116).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ellen G. White não priorizou ou colocou em grau de maior importância nem o modelo itinerante nem o modelo pastoral. Cada um tem sua relevância no contexto ao qual deve ser aplicado. Em locais onde o evangelho ainda não tem alcançado grande parte da população, o ministério evangelístico deve ter primazia; contudo, as igrejas não devem ser deixadas sem o cuidado pastoral, haja vista que os membros da igreja necessitam desse cuidado e atenção.

É necessário buscar um equilíbrio no ministério pastoral para que não ocorra sobrecarga sobre o pastor, ao cuidar da igreja, nem o descaso deste para com os membros da igreja. Como um líder que é, ele precisa ensinar e incentivar os membros a exercerem, cada um, o seu papel como seguidor de Cristo, e não meramente um membro de igreja. Ao delegar autoridade, porém, precisa acompanhar o trabalho evangelístico e ministerial, para que tanto os que não conhecem o Evangelho sejam levados à conversão quanto os que já aceitaram a mensagem de salvação possam ser edificados em Cristo.

Nessa perspectiva, relevante é a mensagem de Ellen G. White (2007, p. 352) ao defender que “a obra de Deus na Terra nunca poderá ser terminada a não ser que os homens e as mulheres que constituem a igreja participem do trabalho e unam os seus esforços aos dos pastores e oficiais da igreja”. Assim, é certo que cada contexto definirá o ministério pastoral, mas sempre deverá abranger a todos na obra de salvação.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Roy A. **The Shepherd-Evangelist: his life, ministry, and reward**. Washington, D.C.: Review and Herald, 1950.
- BURRILL, Russell C. **Recovering an Adventist Approach to the Life and Mission of the Local Church**. Fallbrook: Hart Research Center, 1998.
- BURRILL, Russell C. **Revolution in the Church: unleashing the awesome power of lay ministry**. Fallbrook: Hart Research Center, 1993.
- CORKUM, Ken. **The role of the Seventh-day Adventist minister in public evangelism**. 1986. Tese (Doutorado em Ministério) – Andrews University, Berrien Springs, 1986.
- DAMSTEEGT, P. Gerard. Have Adventists Abandoned the Biblical Model of Leadership for the Local Church? In: PIPIM, Samuel Koranteng (ed.). **Here we stand: evaluating new trends in the church**. Berrien Springs: Adventists Affirm, 2005. p. 643-691.

XAVIER, E. T.; SOUZA, T. D.; ALVES, C. D. O papel do pastor nos escritos de Ellen G. White: pairar sobre o rebanho ou fazer evangelismo público?. **Práxis Teológica (Ahead Of Print)**, volume 22, número 1, e-2357, 2026.

DANIELLS, A. G. **The church and ministry**. Riversdale: Watchman Press, 1916.

DANIELLS, Arthur G. The Work of the Ministry. **Review and Herald**, Washington, D.C., v. 89, n. 49, p. 3-4, 5 dez. 1912.

EVANS, Irwin H. **The Preacher and His Preaching**. Washington, D.C.: Review and Herald, 1938.

HAYNES, Carlyle B. Evangelism the Task of the Whole Church. **The Ministry**, Washington, D.C., v. 4, n. 9, p. 7, set. 1931.

KNIGHT, George R. **Organizing to Beat the Devil: the development of Adventist Church structure**. Hagerstown: Review and Herald, 2001.

McELHANY, James L. The Call to Evangelism. **The Ministry**, Washington, D.C., v. 4, n. 1, p. 5, jan. 1931.

ROGERS, H. E. **Statistical Report of Seventh-day Adventist Conferences, Missions, and Institutions for the Year Ending December 31, 1912**. Washington, D.C.: General Conference of Seventh-day Adventists, 1913.

WHITE, Ellen G. **Evangelismo**. Tradução de Raphael de Azambuja Butler e Isolina Avelino Waldvogel. 3. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007a.

WHITE, Ellen G. **General Conference Bulletin**, 1901, p. 86.

WHITE, Ellen G. **Obreiros evangélicos**. Tradução de Isolina Avelino Waldvogel. 5. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007b.

WHITE, Ellen G. **Orientação da criança**. Tradução de Renato A. Bivar. 9. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007c.

WHITE, Ellen G. **Review and Herald**, 11 ago. 1853, p. 53.

WHITE, Ellen G. **Review and Herald**, 11 jul. 1899, p. 2.

WHITE, Ellen G. **Review and Herald**, 19 ago. 1902, p. 8.

WHITE, Ellen G. **Review and Herald**, 26 ago. 1902, p. 7.

WHITE, Ellen G. **Review and Herald**, 9 fev. 1905, p. 9.

WHITE, Ellen G. **Serviço cristão**. 9. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a igreja**. Tradução de Horne P. Silva. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005a. V.2.

XAVIER, E. T.; SOUZA, T. D.; ALVES, C. D. O. O papel do pastor nos escritos de Ellen G. White: pairar sobre o rebanho ou fazer evangelismo público?. **Práxis Teológica (Ahead Of Print)**, volume 22, número 1, e-2357, 2026.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a igreja**. Tradução de A. G. Brito. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007d. v. 4.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a igreja**. Tradução de César Luíz Pagani. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005b. v. 5.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos para ministros**. Tradução de Renato A. Bivar. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.